

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
Centro de Ciências Sociais Aplicadas – CCSA
Curso de Administração – CADM

Gestão financeira em tempos de crise: efeitos da pandemia (COVID-19) no planejamento financeiro de micro e pequenas empresas da cidade de Cabedelo/PB

ELICLAUDIO OLIVEIRA DOS SANTOS

João Pessoa
Junho 2022

ELICLAUDIO OLIVEIRA DOS SANTOS

Gestão financeira em tempos de crise: efeitos da pandemia (COVID-19) no planejamento financeiro de micro e pequenas empresas da cidade de Cabedelo/PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Administração, pelo Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba / UFPB.

Professor Orientador: Profa. Ma. Suelle Cariele de Souza e Silva

João Pessoa

Junho 2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237g Santos, Eliclaudio Oliveira Dos.

Gestão financeira em tempos de crise: efeitos da pandemia (COVID-19) no planejamento financeiro de micro e pequenas empresas da cidade de Cabedelo/PB / Eliclaudio Oliveira Dos Santos. - João Pessoa, 2022. 41f.

Orientação: Suelle Cariele de Souza e Silva.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Gestão financeira. 2. Micro e pequenas empresas. 3. Covid-19. 4. Crise financeira. I. Silva, Suelle Cariele de Souza e. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 005

Folha de aprovação

Trabalho apresentado à banca examinadora como requisito parcial para a Conclusão de Curso do Bacharelado em Administração

Aluno: Eliclaudio Oliveira dos Santos

Trabalho: Gestão financeira em tempos de crise: efeitos da pandemia (COVID-19) no planejamento financeiro de micro e pequenas empresas da cidade de Cabedelo/PB

Área da pesquisa: Finanças

Data de aprovação: 07/06/2022

Banca examinadora



Documento assinado digitalmente

SUELLE CARIELE DE SOUZA E SILVA

Data: 10/06/2022 11:57:49-0300

Verifique em <https://verificador.itl.br>

Orientador



Documento assinado digitalmente

CLAUDIO PILAR DA SILVA JUNIOR

Data: 10/06/2022 16:31:28-0300

Verifique em <https://verificador.itl.br>

Membro 1

RESUMO

O presente artigo possuiu como objetivo verificar como o cenário de crise provocado pela pandemia do novo coronavírus afetou o planejamento e a gestão das finanças em micro e pequenas empresas (MPEs) na cidade Cabedelo/PB. Para tanto, a pesquisa tratou de abordar questões pertinentes ao delineamento do perfil das MPEs e seus gestores financeiros, a identificação das ferramentas de gestão financeira utilizadas e a averiguação das dificuldades enfrentadas na administração das finanças durante o período da pandemia. Ressalta-se que é de grande valia analisar esse nicho de mercado devido sua alta representatividade e relevância na força produtiva e empreendedora do Brasil. Nesse contexto, para satisfazer o propósito desta pesquisa, foi realizado um levantamento com 39 MPEs de diferentes bairros e segmentos no município. Os dados foram obtidos através de respostas a um questionário estruturado baseado no trabalho de Menegon (2020) e realizado através de meios eletrônicos pelas organizações participantes após envio em suas mídias digitais. Com a análise, pôde-se perceber que o perfil geral da amostra é de microempreendedores individuais (MEI) que, sozinhos, comandam a gestão financeira de seus negócios, não detendo, em sua maioria, formação adequada para funções nessa área. Identificou-se também que boa parte dos gestores se utiliza de anotações manuais para registrar suas contas e que 39% não utiliza nenhum demonstrativo contábil para administrar as finanças. Por fim, os resultados demonstraram que a crise impactou negativamente a gestão financeira das organizações, mas, em contrapartida, ocasionou mudanças de rumos e a adoção de novas ferramentas por meio dos gestores.

Palavras-chave: micro e pequenas empresas; crise; ferramentas de gestão financeira; gestão financeira; planejamento financeiro.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1: Porte das empresas | 18 |
| Gráfico 2: Autoavaliação do nível de conhecimento sobre gestão financeira de negócios | 19 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|-------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1: Tempo de atuação da empresa | 19 |
| Tabela 2: Recursos utilizados para a gestão financeira..... | 20 |
| Tabela 3: Questões sobre gestão financeira..... | 22 |
| Tabela 4: Desafios enfrentados durante a pandemia..... | 25 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|--------|------------------------------------------------------------|
| BP | Balanco Patrimonial |
| CFC | Conselho Federal de Contabilidade |
| DFC | Demonstração do Fluxo de Caixa |
| DRE | Demonstração do Resultado do Exercício |
| EPP | Empresa de Pequeno Porte |
| FGV | Fundação Getúlio Vargas |
| GEM | <i>Global Entrepreneurship Monitor</i> |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IBQP | Instituto Brasileiro de Apoio às micro e pequenas empresas |
| ME | Microempresa |
| MEI | Microempreendedor Individual |
| MPEs | Micro e Pequenas Empresas |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| SEBRAE | Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas |
| TIR | Taxa Interna de Retorno |
| VPL | Valor Presente Líquido |

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO | 10 |
| 2.1 MICRO E PEQUENAS EMPRESAS..... | 10 |
| 2.2 PLANEJAMENTO E GESTÃO FINANCEIRA | 11 |
| 2.3 PRINCIPAIS FERRAMENTAS DE GESTÃO FINANCEIRA..... | 12 |
| 2.3.1 Balanço patrimonial (BP) | 12 |
| 2.3.2 Demonstração do resultado do exercício (DRE) | 12 |
| 2.3.3 Demonstração do fluxo de caixa (DFC)..... | 13 |
| 2.3.4 Outras ferramentas de gestão financeira..... | 13 |
| 2.4 Consequências econômicas e financeiras da pandemia de Covid-19..... | 14 |
| 2.5 Evidências empíricas..... | 15 |
| 3. METODOLOGIA..... | 16 |
| 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS | 17 |
| 4.1 Perfil da empresa e do gestor..... | 17 |
| 4.2 Gestão Financeira..... | 19 |
| 4.3 Desafios enfrentados | 24 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 26 |
| REFERÊNCIAS..... | 27 |
| APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO..... | 33 |
| APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) ... | 38 |
| APÊNDICE C – Tabela Geral de tempo de atuação das empresas por porte..... | 39 |
| APÊNDICE D – Tabela de ferramentas utilizadas para a gestão financeira por porte | 40 |
| APÊNDICE E – Utilização de demonstrativos financeiros por porte das empresas | 41 |

1. INTRODUÇÃO

O surgimento e a rápida propagação do novo Coronavírus (final de 2019 até o presente momento em 2022) causou uma pandemia global que vem resultando na morte de centenas de milhares de pessoas no Brasil e no mundo. Essa crise na saúde pública, se alastrou para o cenário econômico, pois, para alcançar a diminuição do ritmo de contágio e a diminuição de casos graves da doença, algumas das principais medidas adotadas pelos governos foram: quarentena, isolamento social e o fechamento de todas as atividades que não são consideradas essenciais, assim diminuindo a circulação de pessoas e a possibilidade de o vírus se propagar ainda mais (GUIMARÃES JÚNIOR *et al.* 2020).

Devido às limitações provocadas pelas medidas restritivas contra o avanço da pandemia, muitos setores foram atingidos, dentre eles o setor econômico e, ainda mais especificamente, os comércios. Isso porque, muitos administradores de micro e pequenas empresas tiveram de fechar as portas, adotando medidas de férias coletivas, redução da jornada de trabalho e salários, levando até ao desligamento de funcionários. Isso ocasionou a falência de empresas que normalmente já enfrentam grandes dificuldades para se manter.

Sobre esse aspecto, Cândido (2020) acentua que essa crise sanitária formou um cenário de incertezas, trazendo como consequência problemas financeiros que afetaram diretamente as organizações. Siqueira e Estender (2018), por sua vez, pontuam que, diante de crises financeiras, micro e pequenas empresas apresentam grande fragilidade visto que dispõem de recursos limitados para sobreviver à medida que essas crises se prolongam. Diante disso, fica latente uma problemática acerca da gestão financeira de micro e pequenas empresas, ficando o questionamento de como os pequenos negócios podem sobreviver em meio a crises se esses negócios estão preparados para eventualidades como esta ocorrida no Brasil no início de 2020.

Faria, Azevedo e Oliveira (2012) apontam que informações e dados contábeis podem representar instrumentos de gestão, a fim de servir para suporte à tomada de decisão em qualquer empresa, visto que alguns controles são relativamente fáceis de serem elaborados e aplicados. Para Salomé *et al* (2021), uma administração financeira adequada da organização contribui de forma determinante para o enfrentamento da atual crise que impacta de forma sistêmica o mercado.

Para prover uma administração financeira efetiva, verifica-se, portanto, a necessidade de o gestor utilizar instrumentos que forneçam informações confiáveis, seguras e transparentes, para o devido auxílio no processo decisório de uma organização, principalmente em micro e pequenas empresas (MPEs), que trabalham com uma margem estreita (SANTOS; DOROW; BEUREN, 2016). Ainda, segundo os mesmos autores, presume-se que a utilização de instrumentos gerenciais poderia minimizar dificuldades em situações de crise.

A partir do exposto, este trabalho visa responder o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a pandemia do novo Coronavírus interferiu no planejamento e na gestão financeira de micro e pequenas empresas na cidade de Cabedelo/PB? Para tanto, foi definido como objetivo geral verificar como o cenário pandêmico afetou o planejamento e a gestão das finanças de micro e pequenas empresas na cidade de Cabedelo/PB. O estudo ainda se apoia sobre os objetivos específicos de: (1) traçar o perfil das MPEs e seus gestores financeiros no município, (2) identificar quais são as ferramentas de gestão financeira utilizadas pelas MPEs no município antes e durante o período da pandemia e (3) averiguar as dificuldades na gestão financeira enfrentadas pelas empresas durante o período da pandemia do Covid-19.

Dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), em 2021, informam que 626.883 micro e pequenas empresas (MPEs) foram abertas em todo o país no ano de 2020. Deste total, 85% são micro e 15% são empresas de pequeno porte. Este nicho empresarial é responsável por 99% de todas as empresas em funcionamento no Brasil e respondem por 30% de tudo que é produzido no país, sendo ainda responsáveis por 55% dos

empregos gerados, o que revelando sua importância na força produtiva do país (BRASIL, 2020).

Constatando os dados acerca do mercado de MPEs, verifica-se o tamanho de sua importância para a economia do país e o impacto gerado por suas atividades. Com a paralisação ou limitação da atividade comercial em alguns momentos da pandemia, esses negócios amargaram uma crise que desestabilizou de alguma forma suas finanças. O foco do estudo trata das MPEs por representarem uma grande fatia da movimentação financeira e sustentarem a maioria dos empregos no país.

Tendo em vista que os estudos sobre os impactos da pandemia ainda são recentes, essa pesquisa torna-se necessária para compreender como micro e pequenas empresas tiveram de lidar em meio uma crise de larga escala, bem como, assimilar boas práticas que sirvam de experiência para possíveis adversidades futuras. Esse estudo pretende servir de base para a compreensão sobre a situação da organização financeira de uma amostra de MPEs na cidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

As definições de Microempresas (ME) e Empresas de Pequeno Porte (EPP) são estabelecidas pela Lei Complementar nº 123 de 14 de dezembro de 2006. Essa legislação em seu artigo 3º considera microempresa como aquela em que lucra, em cada ano- calendário, receita bruta igual ou inferior a R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais). Já Empresa de Pequeno Porte é aquela que auferir, em cada ano-calendário, receita bruta superior a R\$360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais) e igual ou inferior a R\$4.800.000,00 (quatro milhões e oitocentos mil reais).

Segundo também um conceito concedido pelo Sebrae, no qual a classificação se dá pelo número de colaboradores, microempresas são aquelas que empregam até 9 funcionários nos setores de serviços e comércio ou emprega até 19 nos setores industrial e de construção. Já as EPPs são consideradas aquelas que empregam de 10 a 19 funcionários nos setores comercial e de serviços ou emprega de 20 a 99 funcionários nos setores industrial e de construção.

O tamanho da atuação de mercado das micro e pequenas empresas no país demonstra o viés empreendedor do brasileiro, mas esconde o que pode estar por trás de tanto crescimento dado o contexto de falta de oportunidades no mercado de trabalho no país. O empreendedorismo como forma de inovação é destacado como sendo o “envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades” (DORNELAS, 2021, p. 29), sendo o empreendedor aquele que faz acontecer, se antecipa aos fatos e tem uma visão futura da organização (DORNELAS, 2001).

Sob outro ponto de vista, Koteski (2004) pontua que a abertura de uma empresa se torna uma alternativa para o indivíduo que não consegue se integrar ao mercado de trabalho, como por exemplo, jovens que buscam o primeiro emprego e as pessoas com mais de 40 anos. E continua destacando que “as pequenas empresas são capazes de fixar as pessoas no local de origem, distribuir equitativamente renda e riqueza e estimular iniciativas individuais e coletivas” (KOTESKI, 2004, p. 17).

Nesse desejo de abrir o próprio negócio como uma forma de prover seus ganhos, estas organizações se iniciam com poucos recursos financeiros e encontram muitos entraves para se desenvolver. É o que pontua Silva *et al.* (2015, p. 2):

Apesar do peso econômico dessas empresas, seu ciclo de vida costuma ser curto, devido à chamada taxa de mortalidade decorrente das dificuldades e desafios encontrados na implementação, gerenciamento e manutenção do negócio, decorridos da falta de planejamento e uma boa gestão financeira, que nem sempre são levados em consideração quando se trata de administrar essas micro e pequenas empresas, fatores esses que são cruciais à sua sobrevivência em um mercado cada vez mais competitivo.

Um estudo do Sebrae (2014) pontua que as principais causas para o fechamento de micro e pequenas empresas nos seus 5 primeiros anos de atividade são relacionados a falta de planejamento prévio, inexperiência na gestão empresarial e erros no comportamento empreendedor no negócio. Este mesmo trabalho mostra que os gestores entrevistados afirmaram que a escassez de capital foi o fator determinante para o fracasso da empresa. Sendo assim, essa falta de controle entre as contas acaba por acarretar descontrole ao fluxo de caixa por serem desconhecidas as origens e aplicações de recursos dentro da empresa (CHAVES; DE LAMES; LAMES, 2013).

Tendo em vista estabelecer um maior controle das contas e a preparação para os desafios enfrentados para que as micro e pequenas empresas subsistam e permaneçam em atividade, há necessidade de planejamento e um maior controle das contas, estoques e patrimônio (PINHEIRO; NETO, 2019).

2.2 PLANEJAMENTO E GESTÃO FINANCEIRA

O planejamento é a primeira das funções gerenciais, consistindo na etapa inicial de qualquer projeto que a empresa pretenda executar, devendo considerar cuidadosamente todos os fatores relevantes para que todo o processo tenha coerência e sustentação, sendo orientado para tomada de decisão (COSTA, 2018).

Os agentes decisórios de uma organização necessitam definir os objetivos que a empresa almeja de forma precisa, tendo em vista obter sucesso no negócio. A literatura e a história da administração trazem uma gama de opções a serem utilizadas pelo gestor a fim de proporcionar uma identidade para sua empresa.

Considerando a variedade existente nos mais diversos mercados, cada empresa que surge tem que se distinguir de seus concorrentes e criar diferencial competitivo. Isso pode ser feito a partir de uma visão estratégica do negócio, tomando decisões que direcionem a organização rumo aos seus objetivos da forma mais efetiva possível, unindo esforços, reduzindo custos, maximizando os lucros e contribuindo de forma positiva perante a sociedade. Nesse sentido, o controle das finanças de uma organização deve ser submetido previamente a um planejamento estratégico, a fim de suportar crises e turbulências que os pequenos negócios possam enfrentar.

O planejamento representa um dos fatores primordiais no processo da administração e é o fator de racionalização da atividade empresarial. Através dele é possível antecipar, seja por suposições ou análises estatísticas, o que se espera em termos de resultados, bem como, sua viabilidade (TEIXEIRA, 2016). Nesse caminho, “as decisões financeiras, ao lado das decisões comerciais e o modelo de negócio, são relevantes para assegurar a implementação, a sobrevivência, o crescimento e a criação de valor para a organização” (LEMES, 2019, p. 204). Uma boa gestão garante previsibilidade e conhecimento sobre reais necessidade de capital. Isso pressupõe planejamento financeiro e orçamentário (MINGONE, 2016). Planejar as finanças de uma empresa é a base com que uma organização deve lidar a fim de alocar seus recursos de forma eficiente e eficaz na gestão do negócio.

Para superar eventuais dificuldades, as micro e pequenas empresas necessitam abordar instrumentos que possibilitem uma gestão financeira saudável capaz de mitigar as mais variadas

adversidades esperadas e inesperadas de um pequeno negócio. Sendo assim, como apontado por Siqueira e Barbosa (2016), é através da organização financeira, que o empreendedor consegue conhecer a saúde financeira pessoal e da empresa, estando ciente das decisões que devem ser tomadas para aumentar o lucro líquido da empresa e manter sua situação financeira saudável.

2.3 PRINCIPAIS FERRAMENTAS DE GESTÃO FINANCEIRA

Chiavenato (2014) define gestão financeira como a área da administração que cuida dos recursos financeiros da empresa. As ferramentas de gestão financeira são meios pelos quais os empreendedores assimilam as finanças da empresa, tendo como função principal o auxílio a tomada de decisão. Uma boa administração se faz com a devida alocação de recursos escassos com eficiência e eficácia para alcançar os objetivos estabelecidos no planejamento. Sendo assim, saber para onde o dinheiro do negócio está sendo direcionado ou investido e se a empresa está trabalhando com folga ou com prejuízo é de extrema importância para os próximos passos a serem dados.

Para Bittencourt e Palmeira (2012), as principais ferramentas para o controle financeiro das empresas são: Balanço patrimonial (BP), Demonstrativo de Resultado do Exercício (DRE) e Demonstrativo de Fluxo de Caixa (DFC). Esses três relatórios são considerados essenciais para o bom desenvolvimento de um negócio, inclusive para os de micro e pequeno porte tratados neste trabalho.

A implementação dessas ferramentas, em conjunto, contribui efetivamente para um maior controle da situação financeira das empresas. É salutar que a tomada de decisão do gestor passe sempre pela análise desses relatórios. Em suma, o Fluxo de Caixa se mostra como o principal instrumento de gestão financeira para micro e pequenas empresas, possibilitando que o pequeno empreendedor construa um hábito em manter suas contas sempre registradas.

2.3.1 Balanço patrimonial (BP)

Crepaldi (2013) define o Balanço Patrimonial com um demonstrativo contábil que, apresenta de forma sintética e ordenada as contas patrimoniais agrupadas em relação a natureza dos bens, direitos ou obrigações que representam, tendo por finalidade apresentar a situação patrimonial da empresa em um dado momento. Trata-se de uma “demonstração contábil destinada a evidenciar, quantitativa e qualitativamente, a posição patrimonial e financeira da entidade em determinada data” (GRECO; AREND, 2016, p. 73).

O Balanço Patrimonial é apresentado na forma de uma tabela com duas colunas. A da esquerda com os ativos da empresa e a da direita com os passivos. Cada lado deve possuir toda a composição financeira com os valores das contas da empresa sejam elas relativas a seus bens e direitos, quanto às suas obrigações. Representando, portanto, “uma fotografia da empresa em certa data. No ativo estão as aplicações dos recursos colocados à disposição da empresa. O passivo e o patrimônio líquido indicam a origem desses recursos” (CREPALDI, 2013, p. 207). Lançar mão desse relatório auxilia o gestor financeiro a tomar decisões sobre a composição patrimonial, aplicações de ativos, além de ser possível fazer um diagnóstico da situação financeira da organização em um determinado período, normalmente de um ano.

2.3.2 Demonstração do resultado do exercício (DRE)

Com relação à demonstração do resultado do exercício (DRE), Gonçalves (2011) indica que o objetivo é expressar, de forma resumida, as operações realizadas pela empresa, durante o exercício social, demonstradas de forma a destacar o resultado líquido do período,

fornecendo aos usuários das demonstrações financeiras da empresa os dados básicos e essenciais à análise da formação do resultado do exercício.

Chiavenato (2014) indica que a DRE mostra a consequência das operações da empresa realizadas em um determinado período, resultando em lucro ou prejuízo. Também evidencia os fatores entre despesas e receitas que provocaram um resultado negativo ou positivo. Santos (2014) conclui que a DRE possibilita o confronto das receitas, despesas e custos e demonstra o resultado do exercício no período, isso ocorre normalmente no intervalo de um ano, que se encerra, na maior parte das entidades, ao final de cada ano civil (31/12). Isso ocorre para que no próximo ano a empresa inicie suas contas zeradas, passando a contar as novas receitas e despesas do novo ciclo em vigência.

Posto isto, a DRE evidencia a relação entre Receitas e Despesas nas contas da empresa, permitindo compreender se houve lucro ou prejuízo em certo período. Ela é representada de forma vertical deduzindo os custos e despesas a partir da Receita Operacional Bruta, até chegar ao Resultado Líquido da organização que pode culminar em lucro ou prejuízo.

2.3.3 Demonstração do fluxo de caixa (DFC)

Quanto ao Fluxo de Caixa, Lemes (2019) o define como uma ferramenta indispensável para o controle financeiro de uma empresa, no curto e médio prazo, consistindo num registro diário dos saldos, constando as entradas e saídas de dinheiro, também controlando as contas a pagar e a receber, dentre outros compromissos.

Segundo Santos (2014) a principal função do DFC é expressar a origem de toda entrada e saída de dinheiro no caixa da empresa em determinado período, constituindo-se em ferramenta relevante para os gestores das informações contábeis na análise de capacidade da organização em gerar caixa.

O acompanhamento diário do fluxo financeiro da empresa ocasiona o maior controle das contas. O gestor responsável pode administrar com maior assertividade os valores que circulam durante o período que a organização está em operação. É uma forma eficiente de gerar uma rotina de boas práticas financeiras, satisfazendo os objetivos da empresa, tendo como principal norte, a geração de lucro.

2.3.4 Outras ferramentas de gestão financeira

Há ainda a disponibilidade de outras ferramentas utilizadas na gestão financeira, estão entre elas: análise do capital de giro, controle de estoques, controle de contas a pagar e a receber, análise da situação econômico-financeira, ponto de equilíbrio, valor presente líquido, taxa interna de retorno e *payback*.

Sobral, Cardoso e Sanches (2017) definem o capital de giro como os recursos necessários para custear as diversas operações de rotina da empresa, tais como: vendas a prazo, compra de matérias primas de fornecedores, estoques, pagamentos de salários e despesas operacionais. A análise deste item leva o gestor financeiro a tomar decisões assertivas sobre suas obrigações e deve ser fundamentada com informações concretas e realistas sobre a situação financeira da organização. A administração do capital de giro deve garantir a uma empresa a adequada execução de sua política de estocagem, compra de materiais, produção, vendas de produtos e mercadorias, bem como o prazo de recebimento. (ARAÚJO; MACHADO, 2007).

A gestão de estoques é definida por Oliveira et al (2016) como crucial para a boa gestão de uma empresa, pois leva à obtenção da redução de custos e como uma forma de garantir o material requisitado quando se necessita. O controle do estoque de uma organização leva o gestor financeiro a conhecer os custos da manutenção de produtos armazenados, bem como a obter agilidade na disponibilidade desses produtos para venda.

O controle de contas a pagar e a receber visa a formação de um controle prático de quais são os valores a receber (geralmente advindos da venda dos produtos ou serviços) e das obrigações (dívidas, multas, juros, salários etc.) em uma organização. Para Ludvig (2017) é a partir do controle de contas a pagar e a receber que é possível estruturar um fluxo de caixa que seja adequado às necessidades da empresa, possibilitando a gestão no controle de entradas e saídas, permitindo fazer planejamentos a curto e longo prazo.

A análise da situação econômico-financeira é uma forma de avaliar como uma organização está situada no mercado (externamente) e nas finanças (internamente) o que permite efetuar um julgamento sobre como estão esses dois cenários e como a organização reagiu ou pretende reagir a eles. Para Vitor (2018) essa análise é efetivada quando realizada com base na interpretação dos dados obtidos através das demonstrações contábeis produzidas pela empresa, transformando-as em informações úteis para o administrador financeiro.

Dornelas (2021) define o ponto de equilíbrio como sendo a marca em que a empresa iguala receitas e despesas, chegando ao ponto de não haver lucro nem prejuízo. Sendo assim, essa ferramenta torna-se imprescindível para que o gestor financeiro reconheça qual o volume de receita que a atividade comercial da empresa precisa obter para que supra todas as suas despesas.

Por fim, o valor presente líquido (VPL), taxa interna de retorno (TIR) e o *payback* são os métodos mais utilizados para as empresas avaliarem os investimentos que elas se propõem a fazer. O propósito do VPL é atualizar todas as entradas dos fluxos de caixa futuros para um valor presente, considerando o valor do dinheiro ao longo do tempo. (CASADO *et al.*, 2020). A TIR “é a taxa que iguala o valor presente das entradas ao valor presente das saídas. Quanto maior a TIR, melhor será o projeto. Com a TIR determinamos uma única taxa de retorno para sintetizar o mérito do projeto.” (LEMES, 2019, p. 229). Já o *Payback* trata-se de uma demonstração do tempo em que o valor destinado a um investimento terá o capital recuperado, sendo assim, quanto menor o *payback*, maior a liquidez do projeto e menor o seu risco. (CAMLOFFSKI, 2014).

2.4 Consequências econômicas e financeiras da pandemia de Covid-19

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o estado pandêmico do novo coronavírus, pondo em atenção todas as nações do planeta. A contaminação do vírus iniciou-se em uma cidade da China e se espalhou pelo mundo em alta velocidade provocando diversas internações e mortes por onde se instalava.

No Brasil, o primeiro caso da doença foi confirmado em fevereiro de 2020. Devido ao alto poder de contágio desse novo coronavírus, as autoridades determinaram a limitação da circulação e concentração de pessoas em ambientes abertos e fechados, fixando diferentes níveis de isolamento social por todo o país. Além da crise no sistema de saúde, isso acarretou restrições ou fechamento completo de estabelecimentos comerciais, o que interferiu na estabilidade econômica e causou grande desequilíbrio nas empresas, em especial, as de micro e pequeno portes.

Um estudo realizado em março de 2021 pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) apontou que 6 em cada 10 empresas no ano de 2020 tiveram um faturamento anual pior que 2019. Na visão dos mesmos empreendedores a medida com maior importância para alavancar uma retomada é a extensão das linhas de crédito para socorrê-los em meio à crise. A mesma pesquisa ainda confirma que para 79% dos empresários o faturamento mensal vem diminuindo e apenas 4% indicaram que está havendo um maior lucro.

Outro levantamento realizado pela Global Entrepreneurship Monitor (GEM), no ano de 2020, com apoio do Instituto Brasileiro de Apoio às micro e pequenas empresas (IBPQ) e do Sebrae mostrou que o país perdeu mais de 10 milhões de empresas em 2020. O número caiu de

cerca de 53 milhões para 43 milhões. O estudo define empreendedores iniciais como aqueles que tematé 3,5 anos em operação. Destes, metade abriu o negócio por necessidade, este número era de 37,5% em 2019.

Mesmo diante de números tão expressivos, o resultado poderia ter sido pior sem as medidas de amparo realizadas pelo Governo em meio a pandemia. Entre as principais iniciativas que beneficiaram micro e pequenos negócios estão: diferimento de impostos, contribuições da seguridade social e pagamento de débitos; possibilidade de redução de jornada de trabalho e suspensão de contratos; auxílio emergencial para microempreendedores individuais (MEIs) e linhas de crédito específicas para o segmento.

Diante disso, fica notória a importância que o controle das finanças ocupa no cenário das MPEs e como a pandemia foi impactante em diversos negócios pelo país. Percebe-se, pela pesquisa da GEM que o empreendedorismo serve com um escape para o alto desemprego. Os brasileiros tendem a abrir negócios por necessidade e isso é feito sem o devido planejamento, contribuindo, assim, para a falência e o endividamento de muitos que entraram nesse nicho sem o devido preparo técnico, financeiro e psicológico.

2.5 Evidências empíricas

Diante da grave crise provocada pela pandemia do novo coronavírus, muitas pesquisas têm levado em consideração a abordagem dos impactos dessa problemática em micro e pequenas empresas. Grande parte destes trabalhos destaca a instabilidade nas finanças como principal dificuldade dos pequenos empreendedores. Diante disso, essa seção tem o objetivo de fundamentar a relevância do tema, evidenciando diferentes percepções acerca do mesmo impasse apresentado neste artigo.

Ferreira, Silva e Rodrigues (2020) abordaramo nicho de *shopping centers*, evidenciando as medidas tomadas imediatamente após o anúncio da pandemia, destacando-se as demissões de alguns funcionários. As micro e pequenas empresas estudadas instaladas nesse *shopping* tiveram que conter gastos, pois não tinham conhecimento da proporção que a contaminação tomaria. Diante disso, recorreram a estratégias de vendas *online* e por *delivery*. O estudo revelou que a adaptação a este momento de instabilidade se deu através de precauções como a prorrogação no prazo de pagamentos de impostos, suspensão de dívidas tributárias, suspensão de contratos de trabalho e acesso a empréstimos bancários, tendo em vista o ajuste da saúde financeira das empresas.

Franco e Silva (2020) fizeram um estudo com 12 micro e pequenas empresas do ramo de minimercados no ABC paulista, desenvolvendo observações acerca dos impactos no planejamento e controle financeiro dessas organizações durante o período pandêmico do novo coronavírus. A pesquisa demonstrou que apesar de uma instabilidade pouco relevante no faturamento, a maior parte dos entrevistados indicaram ter planejamento e controle financeiros pouco eficazes, evidenciando o pouco conhecimento dos empreendedores acerca de aspectos teóricos e acadêmicos, impedindo a efetividade da aplicação dos recursos disponíveis.

Menegon (2020) aborda em seu trabalho uma pesquisa com 51 empresas da cidade de Chapecó/SC, aplicando um questionário estruturado e elaborado por Rodrigues (2013) sobre temas que abarcam a gestão financeira dessas organizações. Cabe o destaque com relação ao planejamento financeiro, onde os resultados do estudo apontaram que, em suma, as empresas não elaboram programação de suas atividades financeiras, e, portanto, não realizam orçamentos e nem mensuram indicadores de acompanhamento, culminando na falta de um prognóstico de suas contas.

Tioffi *et al.* (2021) realizaram uma análise com pequenas empresas do setor de serviços do município de Parnaíba/MS, demonstrando que o maior impacto gerado pela crise durante a pandemia foi o aumento direto nos custos e a redução nas vendas. Os autores destacam o

subsídio governamental com a disponibilização de crédito como providencial para a resolução dos anseios dessas empresas.

Andrade, Monteiro e Souza (2021) trazem um estudo com destaque para os impactos causados pela falta planejamento financeiro de micro e pequenas empresas na cidade de Araguaína/TO, especialmente em meio ao período de pandemia. Foi ressaltada a importância do planejamento como síntese de uma boa gestão financeira. A pesquisa envolveu 20 empresas e as conclusões deram conta que as organizações estudadas não possuem um amparo sobre o planejamento financeiro e enfrentaram grandes dificuldades devido à falta de conhecimento técnico dos gestores acerca do tema, bem como a não utilização efetiva de ferramentas de gestão financeira.

Salomé *et al.* (2021) trouxeram umapanhado sobre micro e pequenas empresas do setor varejista na Cidade de Claudio/MG no que tange a gestão financeiras desses empreendimentos antes e durante a pandemia. Foi revelado pelo estudo que a maioria dos entrevistados não possuía ensino médio completo e nenhuma formação na área financeira, mas durante a pandemia buscaram essa qualificação. Em síntese, o trabalho indica que a maior parte das empresas não fazia uso de instrumentos de controle gerencial, entretanto, no decorrer da pandemia, esse comportamento de uma parte das organizações mudou diante do momento de instabilidade buscando uma maior organização de suas finanças através das novas ferramentas empregadas.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa possui uma abordagem exploratória, entendida por Gil (2019) como aquela que tem como principal objetivo desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, visando formular problemas mais precisos ou hipóteses a serem posteriormente testadas. Também será descritiva, pois busca especificar as propriedades, características e perfis das empresas submetidas à análise (SAMPLERI, 2013).

O estudo foi realizado tendo como universo as micro e pequenas empresas da cidade de Cabedelo/PB, de setores e localizações variadas pelo município. Considerando micro e pequenas empresas como os seguintes portes, de acordo com Sebrae [s.d]: MEI, ME e EPP. De acordo com a plataforma de dados online do Sebrae, o DataSebrae (2022), o município possui 4.838 empresas neste nicho de mercado. Segundo dados do IBGE, em 2019, Cabedelo detém o 3º maior Produto Interno Bruto (PIB) do estado da Paraíba, o que a coloca entre as principais cidades com relação ao aspecto econômico em sua região. O trabalho conta com uma interpretação quantitativa dos dados, tendo em vista manifestar através de números a adesão a determinadas respostas. Isso possibilita traduzir numericamente opiniões e informações para classificá-las e analisá-las com o emprego de técnicas estatísticas (ZAMBERLAN *et al.* 2019).

A coleta dos dados se deu através da aplicação de um questionário estruturado tendo como base o estudo realizado por Menegon (2020), contando com questões de múltipla escolha e a utilização da escala Likert para caracterizar as respostas. Essa escala é comumente utilizada para medir o grau de concordância, em que é codificada como 5 sendo concordância total (CT), 4 como concordância parcial (CP), 3 como nem concorda e nem discorda (NCND), como 2 como discordância parcial (DP) e 1 como discordância total (DT) (OLSEN, 2015).

O questionário foi dividido em três blocos: 1) Perfil da empresa e do gestor, 2) Gestão Financeira e 3) Desafios enfrentados. A princípio foi realizado um pré-teste encaminhado para 4 empresas a fim de colher *feedback* sobre detalhes a serem acrescentados ou retirados do instrumento de coleta de dados.

Por fim, com os devidos ajustes realizados, as questões foram encaminhadas por meios eletrônicos para as principais mídias digitais de 100 empresas com o *link* para acesso à plataforma *Google Forms*, informando que o responsável pela gestão financeira respondesse o

questionário disponível. O levantamento foi realizado entre os meses de janeiro e março de 2022, resultando na amostra final de 39 micro e pequenas empresas da cidade como respondentes da pesquisa.

Os dados brutos foram obtidos de fonte primária e dispostos em uma planilha eletrônica onde cada coluna possuía uma das perguntas do questionário. Logo abaixo, estavam todas as 39 respostas para cada uma das questões. O material foi estruturado utilizando-se de filtros para contabilizar o número de respostas a cada alternativa em cada indagação e foi disposto em forma de porcentagem para cada item questionado.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

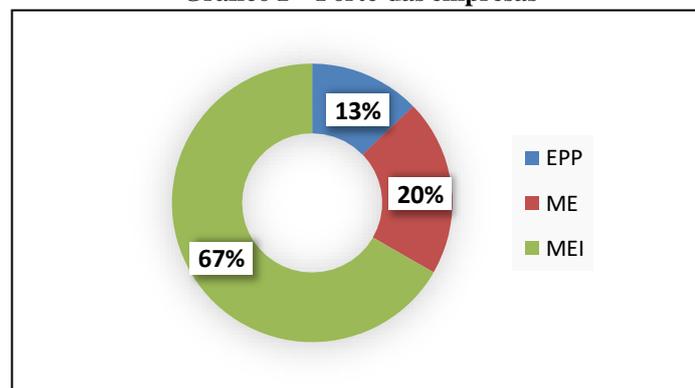
Esta seção visa sintetizar como a amostra se comportou diante das questões abordadas, a fim de tirar conclusões para a construção de um panorama de como as micro e pequenas empresas da cidade de Cabedelo/PB estão organizadas financeiramente.

4.1 Perfil da empresa e do gestor

Os dados obtidos nesse bloco indicam, a princípio, características principais das organizações pesquisadas. Isso visa satisfazer a resolução do primeiro objetivo específico, o de traçar o perfil das MPEs no município, performando finalmente também o retrato dos gestores financeiros que responderam às questões apresentadas.

As respostas mostram que, do total de empresas respondentes, 67% (26 empresas) possuem porte de microempreendedor individual (MEI), 20% (8 empresas) são microempresas (ME) e 13% (5 empresas) são empresas de pequeno porte (EPP), conforme demonstrado no Gráfico 1. Esse primeiro dado demonstra que ao menos dois terços dos gestores entrevistados gerenciam sozinhos a empresa, consequentemente a administração das finanças de suas empresas, uma vez que não há obrigatoriedade de contratar serviços de contabilidade.

Gráfico 1 – Porte das empresas



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

No que se refere ao setor de atuação, 51% indicaram trabalharem exclusivamente com o comércio em geral, outros 5% dividiam suas atividades entre comércio e indústria, bem como 13% combinavam suas operações entre comércio e serviços. Ainda, 28% se dedicavam apenas ao setor de serviços e, por fim, 3% concentravam suas operações com a indústria. Em seguida, perguntou-se sobre o tempo em que as organizações estavam inseridas no mercado, as respostas são apresentadas na Tabela 01.

Tabela 01 – Tempo de atuação da empresa

| Tempo em atividade | Frequência absoluta | Frequência relativa % |
|---------------------------|----------------------------|------------------------------|
| Até 2 anos | 9 | 23% |
| De 3 anos até 5 anos | 14 | 36% |
| De 6 anos até 10 anos | 7 | 18% |
| De 11 anos até 15 anos | 1 | 3% |
| Mais que 15 anos | 8 | 21% |
| Total | 39 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Dos entrevistados, 36% (14 empresas) alegaram ter entre 3 e 5 anos de atuação, 23% (9 empresas) possuíam até 2 anos, 21% (8 empresas) mais de 15 anos, 18% (7 empresas) entre 6 e 10 anos e outros 3% (1 empresa) informaram possuir de 11 a 15 anos em atividade. Nota-se que 77% das empresas possuem mais de 3 anos em atividade, logo, passaram pelo momento mais árduo da crise gerada pela pandemia de Covid-19 a partir de março de 2020, o que contribui para a importância da amostra em atender os objetivos específicos. Outro fator importante é que todas as nove empresas com tempo em atividade de até 2 anos são do porte de microempreendedor individual, conforme apresentado no Apêndice C, o que pode ser um indicativo de que a pandemia incitou que esses indivíduos abrissem o próprio negócio diante da crise instaurada.

Em seguida, buscou-se delinear com maior precisão o perfil dos gestores financeiros das empresas. Obteve-se, portanto, que 34 das 39 organizações pesquisadas (87%) tinham o proprietário/sócio da empresa como responsável pelas finanças. As cinco restantes (13%) contam pessoas contratadas para realizar essa função. Este número era esperado devido duas a cada três MPE's nesta pesquisa, serem administradas por microempreendedores individuais, atuando de forma autônoma.

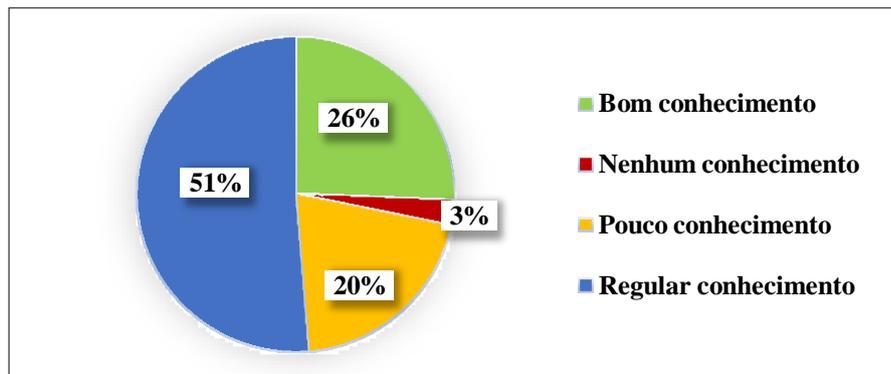
Outra característica abordada foi o gênero dos gestores pesquisados. 46% se declararam do gênero feminino, 51% do gênero masculino e 3% preferiram não informar. Sobre a faixa etária dos entrevistados, verificou-se que 46% possuíam de 26 a 35 anos, 23% de 36 a 45 anos, 15% de 46 a 55 anos, 10% entre 18 e 25 anos e outros 5% já eram maiores de 65 anos de idade. Ou seja, 56% dos pesquisados são jovens, possuindo menos de 35 anos.

Em seguida, procurou-se saber sobre a experiência dos administradores financeiros dessas empresas à frente dessa área. 36% declararam possuir experiência maior que 5 anos, 26% nenhuma experiência, 18% até 1 ano, 13% entre 4 e 5 anos e outros 8% uma experiência de 2 a 3 anos. Nota-se que um quarto dos atuais gestores dessas organizações alegam não possuir nenhuma experiência com gestão financeira de um negócio, o que leva a crer que este tem sido o primeiro contato com essa área.

Ainda assim, numa autoavaliação acerca do conhecimento sobre finanças 51% indicam possuir um conhecimento regular sobre gestão financeira, acompanhados de 26% disseram ter um bom conhecimento, 21% com pouco conhecimento e apenas 3% com nenhum conhecimento (Gráfico 2). Nota-se, portanto, que 77% dos entrevistados consideram possuir certo conhecimento sobre o assunto. Este resultado assemelha-se ao constatado por Santos, Ferreira e Faria (2009), que em sua análise assimilaram que também 77% se autoavaliaram na mesma faixa de conhecimento. Ainda segundo o mesmo estudo, 4% consideram possuir um péssimo conhecimento, número este bem próximo do também atestado pela presente pesquisa em que 3% declara possuir nenhum conhecimento em gestão financeira. Cabe destacar que segundo Silva (2022), o desconhecimento com conceitos de gestão financeira por parte dos empreendedores, bem como a falta de informações contábeis, pode acarretar em problemas

financeiros nos negócios, dificultando assim seu progresso e vitalidade.

Gráfico 2 – Autoavaliação do nível de conhecimento sobre gestão financeira de negócios



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Adicionalmente, investigou-se sobre o maior grau de escolaridade de cada um dos respondentes. 51% tem ensino médio completo, 36% ensino superior completo, 10% pós-graduação e 3% ensino fundamental. Ou seja, 46% dos entrevistados possuem mais de 12 anos de estudo. Para filtrar as áreas de aprendizagem, questionou-se aos 18 graduados em quais cursos eles foram formados. Verificou-se que 5 (28%) deles cursaram Administração ou gestão de empresas, os demais, dividiram-se em outros cursos, tais como: Biblioteconomia, Direito, Educação física, Enfermagem, *Marketing*, Nutrição, Pedagogia, Processamento de dados, Sistemas para internet, Sistemas de informação e Transação Imobiliária. Ou seja, 72% dos entrevistados não possuem uma formação acadêmica voltada para gestão de negócios, corroborando, assim, o achado de que 74% dos pesquisados se autoavaliarem com conhecimento regular a nenhum conhecimento sobre administração financeira.

4.2 Gestão Financeira

As questões deste segundo bloco trataram de abordar os aspectos da organização das finanças das empresas, tendo em vista identificar o uso de ferramentas de gestão financeira, atendendo assim ao segundo objetivo específico da pesquisa.

Comrelação a quais ferramentas as organizações mais utilizam para gerir suas finanças, verifica-se, na Tabela 2, que 31% dos gestores informaram usar programas, aplicativos ou *softwares* específicos, outros 31% fazem uso de cadernos, 13% Livros Caixa, 23% lançam mão de planilhas eletrônicas ou ferramenta semelhante. Por fim, ainda há 3% que se valem da memória e/ou intuição para lidar com as finanças da empresa.

Tabela 2 – Recursos utilizados para a gestão financeira

| Recurso | Frequência absoluta | Frequência relativa % |
|-----------------------------------------------|---------------------|-----------------------|
| Cadernos | 12 | 31% |
| Programas, Aplicativos, Softwares específicos | 12 | 31% |
| Planilhas do Excel ou ferramenta semelhante | 9 | 23% |
| Livros Caixa | 5 | 13% |
| Memória e/ou intuição | 1 | 3% |
| Total | 39 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Nota-se o fato de que ao menos um terço (34%) dos entrevistados se valem de

ferramentas inadequadas como cadernos e até mesmo memória e/ou intuição para fazer o gerenciamento dos recursos financeiros das organizações. Um achado semelhante ao estudo de Santos, Dorow e Beuren (2016) onde ficou constatado que 19 das 41 (46%) MPE's da pesquisa desses autores utilizam um sistema manual (papel) para registro de suas contas. Cabe salientar que 12 das 13 empresas que afirmam utilizar cadernos ou a intuição como controle de suas contas, são de microempreendedores individuais, conforme apresentado no Apêndice D, o que constata uma percepção comum entre as empresas desse porte possuir dificuldades em adotar formas mais criteriosa e seguras de gerir as finanças, fazendo com que os gestores acabem recorrendo a soluções mais simplistas.

Sobre a periodicidade dessas análises financeiras do negócio, 72% informaram realizá-las mensalmente, 23% alegaram não haver uma periodicidade definida, 3% dizem fazer análises de forma trimestral e outros 3%, semestralmente.

Em seguida, averiguou-se sobre quais os demonstrativos, indicadores e métodos as empresas mais utilizam em suas análises financeiras. Na questão, foram destacados os principais demonstrativos, a saber: balancete, balanço patrimonial, demonstração do resultado do exercício, demonstração do fluxo de caixa, análise da situação econômico-financeira da empresa (liquidez, endividamento, rentabilidade), ponto de equilíbrio, *pay-back* (tempo de retorno do investimento), valor presente líquido e taxa de retorno.

Os gestores poderiam marcar quantas alternativas quisessem e ainda inserir algum outro indicador não mencionado e também informar caso não utilizam nenhuma métrica financeira. Com as respostas, pode-se perceber que 39% das empresas (15 empresas) não utilizam nenhum tipo de demonstrativo, indicador ou método de análise financeira em seus negócios. Este resultado é compreensível, pois dois terços da amostra (67%) são compostos por microempreendedores individuais que geralmente não possuem recursos ou conhecimento suficiente para implementar alguns métodos de análise.

Esse entendimento se comprova pelo fato de que 12 das 15 empresas que não utilizam demonstrativos serem, de fato, MEI's, conforme apresentado no Apêndice E. No entanto, para Barbosa (2010) a análise de demonstrações financeiras é um dos estudos mais importantes da administração financeira, pois fornece uma sequência de dados valiosa sobre a empresa. Sendo assim, alguma forma de estudo financeiro precisa ser considerado pelo empreendedor a fim de que ele possa tomar conhecimento de informações salutares de seus negócios, assegurando uma tomada de decisão efetiva.

Das 24 empresas que utilizam ferramentas financeiras, o demonstrativo mais citado foi a Demonstração de fluxo de caixa (DFC), com 15 (63%) empresas afirmando utilizá-lo para gerir as finanças, seguido de, 10 (42%) que utilizam o balancete, 9 (38%) realizam uma análise da situação econômico-financeira, 7 (29%) fazem uso do ponto de equilíbrio, outras 7 (29%) lançam mão da Demonstração do resultado do exercício (DRE), 3 (13%) utilizam o Valor presente líquido (VPL), 3 (13%) o Balanço patrimonial (BP), outras 3 (13%) o *payback* e, por fim, 2 (8%) empregam a taxa interna de retorno (TIR).

Surpreende o fato de que apenas 1 das 13 ME's e EPP's contidas na pesquisa afirma utilizar o Balanço Patrimonial e somente 4 asseguram o uso da Demonstração de Resultado do Exercício (Apêndice E - Utilização de demonstrativos financeiros por porte das empresas). Ressalta-se que há obrigatoriedade da elaboração do BP e DRE, para ME's e EPP's, conforme Resolução CFC nº 1.418/2012, que traz um Modelo Contábil para Microempresa e Empresa de Pequeno Porte – ITG 1000. Sendo assim, o esperado era que todas as ME's e EPP's da pesquisa citassem ao menos estes dois demonstrativos nessa questão.

Outro fato que merece destaque é que 38% dos gestores registraram fazer a análise econômico-financeira da empresa. Sendo que para a realização dessa análise faz-se uso do BP e DRE. Logo, de acordo com esse achado, pode-se inferir que alguns MEI elaboram BP e DRE para construir os indicadores da análise econômico-financeiro da empresa ou que os gestores

fazem essa análise ao seu modo divergindo da literatura, a qual propõe o uso de indicadores. Sobre essa questão, Faria, Azevedo e Oliveira (2012), asseguram que a utilização de índices econômico-financeiros para analisar as demonstrações contábeis é de grande importância para as empresas, dado que, estes permitem aos gestores, verificarem através de análises, a situação das finanças e servir de base para ações futuras.

Em seguida, questionou-se sobre quem é encarregado de fazer os cálculos contábeis das organizações, ao que, 44% responderam utilizar um contador terceirizado que presta serviços para a empresa, 18% contrataram um escritório contábil, 5% têm um contador próprio, porém, 33% dizem não haver contabilidade estruturada na organização. Como 67% se classificam como MEI, era de se esperar que 67% das empresas não utilizassem dos serviços de um contador, uma vez que não há obrigatoriedade legal de contratar um contador, manter contabilidade formal ou ter livro caixa. Assim, o achado anterior de que 38% das empresas fazem análise econômico-financeira da empresa é coerente com tal evidência de que 67% das empresas utilizam serviços contábeis.

Posteriormente, os respondentes foram colocados diante de uma autoavaliação da gestão financeira do seu negócio. 7% julgaram como muito boa, 49% como boa, 38% como razoável, 3% como ruim e 3% péssima, ou seja, minoria (6%) julgaram ser ruim ou péssima. Estes resultados se aproximam aos expressados na pesquisa de Pereira (2019), em que 81% dos gestores entrevistados avaliaram a gestão entre razoável e boa, enquanto 12% ficaram entre ruim e péssima e 7% julgaram possuir um excelente gerenciamento das finanças.

Logo após essa seção de questões de múltipla escolha, os entrevistados se depararam com uma questão que possuía respostas em escala *Likert* de 5 pontos. Essa métrica foi implementada em 14 afirmativas sobre a gestão financeira de seus negócios, especificamente sobre a) organização e controle, b) análise de capital de giro, c) análise de crédito, d) análise de custos e formação de preços, e) planejamento, organização e controle; f) avaliação de investimentos e financiamentos; g) resultados econômicos e financeiros; h) relevâncias das informações contábeis e financeiras, conforme por se verificar na Tabela 3.

Tabela 3 – Questões sobre gestão financeira

| Afirmção | CT | CP | NCND | DP | DT |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|-----|------|-----|-----|
| Sobre organização e controle: | | | | | |
| 1- Nós controlamos o estoque da empresa: definimos quem responde por ele, sabemos seu valor e o giro médio de cada grupo de produto. | 31% | 26% | 23% | 0% | 20% |
| Sobre análise de capital de giro: | | | | | |
| 2- Nós sabemos exatamente o valor e os vencimentos de nossas contas a pagar. | 67% | 13% | 8% | 2% | 10% |
| 3- Nós sabemos exatamente o valor e os vencimentos de nossas contas a receber. | 62% | 13% | 10% | 0% | 15% |
| Sobre análise de crédito: | | | | | |
| 4- Nós conhecemos o poder de pagamento de nossa empresa | 49% | 15% | 21% | 2% | 13% |
| 5- Nossa política de concessão de crédito é feita de forma subjetiva, baseada no <i>feeling</i> e na confiança que temos em nossos clientes | 18% | 18% | 39% | 10% | 15% |
| Sobre análise custos e formação de preços: | | | | | |
| 6- Nós determinamos o preço de nossos produtos estabelecendo um percentual acima do valor de custo | 49% | 15% | 10% | 5% | 21% |
| 7- Nós determinamos o preço de nossos produtos baseado nos preços da concorrência | 13% | 15% | 39% | 10% | 23% |
| 8- Nós levamos em consideração nossos custos diretos e indiretos para estabelecermos o preço de nossos produtos. | 49% | 21% | 13% | 5% | 13% |
| Sobre planejamento, organização e controle: | | | | | |

| | | | | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|
| 9- Nossa empresa elabora um planejamento financeiro minucioso (previsão de demanda, fornecedores, logística e crédito) | 5% | 15% | 23% | 36% | 21% |
| 10- Nossa empresa define um orçamento para todas as etapas e itens do planejamento. | 10% | 13% | 31% | 26% | 20% |
| 11- Nossa empresa compara as previsões do planejamento financeiro com os resultados reais obtidos | 18% | 18% | 31% | 10% | 23% |
| Sobre avaliação de investimentos e financiamentos: | | | | | |
| 12- Fazemos um estudo aprofundado sobre a atratividade dos projetos em que a empresa investe | 10% | 13% | 33% | 21% | 23% |
| Sobre resultados econômicos e financeiros: | | | | | |
| 13- Nós sabemos exatamente qual a margem de contribuição de cada um de nossos produtos | 18% | 15% | 23% | 23% | 21% |
| Sobre relevância das informações contábeis e financeiras | | | | | |
| 14- Nossa empresa leva em conta as informações contábeis e financeiras para tomar decisões | 31% | 18% | 26% | 10% | 15% |

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Diante da afirmação número 1, na Tabela 3, 31% concordaram totalmente, 26% concordaram parcialmente, 21% discordaram totalmente e 23% ficaram neutros nessa questão. O resultado admite que 57% das empresas pesquisadas atendem a um certo controle de seus estoques, definindo responsáveis e analisando métricas em certa medida. Esse número foi ainda maior na pesquisa realizada por Menegon (2020), onde 70% dos entrevistados concordaram em alguma medida com esta afirmação.

Na afirmativa número 2 (Tabela 3), a maioria (67%) sabe exatamente o valor e os vencimentos das contas a pagar e 13% registraram que sabem parcialmente. Com relação a saber exatamente o valor e o vencimento das contas a receber, 62% concordam totalmente, 15% discordam totalmente, 13% concordam parcialmente e 10% foram neutros. Nota-se que mais de dois terços das empresas afirmam possuir conhecimento sobre os vencimentos de suas contas a pagar e receber, o que é um bom indício para uma gestão adequada do capital de giro. Ainda assim, existe uma minoria que declara não deter esse conhecimento, o que é perigoso para as contas e a organização financeira da empresa.

Sobre conhecer o poder de pagamento da empresa, 49% concordam totalmente, 15% concordam parcialmente, 13% discordam totalmente, 3% discordam parcialmente e 3% preferiram a neutralidade nessa questão. Percebe-se aqui que 16% discordam da afirmação, número que foi quase inexpressivo (2%) na pesquisa de Menegon (2020). Verifica-se que a grande maioria tem consciência de seu poder de pagamento, mas há empresas que não detém esse conhecimento, o que as coloca numa posição delicada ao tomar decisões financeiras.

Com relação a concessão de crédito ser feita de maneira subjetiva, baseada no *feeling* e na confiança que se tem nos clientes, 38% ficaram neutros, 18% concordaram totalmente, 18% concordaram parcialmente, 15% discordaram totalmente e 10% discordaram parcialmente. Nessa questão, ficou evidente uma homogeneidade incompatível à pesquisa de Menegon (2020), que relatou que mais da metade (55%) das organizações pesquisadas concordaram em alguma medida com esse item.

A respeito da análise de custos e formulação dos preços de seus produtos e/ou serviços, os entrevistados responderam a 3 questões. Quase metade (49%) das empresas determinam o preço de seus produtos estabelecendo um percentual acima do valor de custo e 15% concordaram parcialmente com tal afirmação. Sendo assim, a maioria das empresas tem um método de precificação simplificado de seus produtos, podendo inferir que elas não sabem precificá-los de acordo com seus custos, despesas e margem de lucro.

Sobre a precificação se basear nos preços adotados pela concorrência, 38% ficaram neutros, 23% discordaram totalmente, 10% discordaram parcialmente, 13% concordaram

totalmente e 15% concordaram parcialmente. Percebe-se que o fato de 39% dos entrevistados permanecerem neutros pode ser um indicativo de não quererem registrar o modo de precificação com base no preço dos concorrentes. Tal situação não ocorreu quando foi questionado a precificação com base no preço de custo.

No que se refere a levar em consideração custos diretos e indiretos para estabelecer seus preços, 49% concordaram totalmente, 21% concordaram parcialmente, 13% discordaram totalmente, 5% discordaram parcialmente e 13% se mantiveram neutros.

Nota-se que ao menos 70% das organizações concordam em alguma medida com considerar os custos diretos e indiretos para formular seus preços, em contrapartida, a adoção de preços baseada na concorrência é concordada por 28%. No estudo realizado por Menegon (2020), percebe-se o mesmo comportamento na forma de precificar, em que 77% concordaram parcial e totalmente com precificar seus produtos e serviços com base nos custos e 32% concordaram parcial e totalmente que o fazem baseado nos seus concorrentes. Isso evidencia uma corroboração entre as pesquisas, reafirmando o resultado.

Acerca de elaborar um planejamento financeiro minucioso com previsão de demanda, fornecedores, logística e crédito, apenas 5% das empresas concordaram totalmente, 15% concordaram parcialmente, 21% discordaram totalmente, 36% discordaram parcialmente e 23% foram neutros. Relacionado a definição de um orçamento para todas as etapas e itens do planejamento, 10% concordaram totalmente, 13% concordaram parcialmente, 21% discordaram totalmente, 26% discordaram parcialmente e 31% optaram pela neutralidade. Sobre comparar as previsões do planejamento financeiro com os resultados reais obtidos, 18% dos entrevistados concordaram totalmente, outros 18% concordaram parcialmente, 23% discordaram totalmente, 10% discordaram parcialmente e 31% foram neutros.

Destaca-se nesta sequência de questões sobre planejamento, organização e controle, como poucas empresas admitem ter um planejamento financeiro minucioso, pois apenas 1 a cada 5 empresas (20%) concordaram de alguma forma com essa afirmativa e quase metade (49%) discordou sobre este item. Essas evidências vão de encontro aos achados de Menegon (2020) que apontaram um equilíbrio maior na pesquisa, identificando 35% das empresas admitem elaborar em certa medida um planejamento financeiro, enquanto 33% não desenvolvem a atividade relatada. Cabe frisar que, de acordo com Biagio e Batocchio (2018), é através do planejamento financeiro que o administrador deve estabelecer objetivos financeiros para seu empreendimento e, por meio de instrumentos financeiros, acompanhar a evolução de seus resultados e o cumprimento das metas, redefinindo-as quando necessário.

Ainda na Tabela 3, na afirmativa número 12 a respeito de sobre os gestores fazerem um estudo aprofundado sobre a atratividade dos projetos que a empresa investe, 33% indicaram neutralidade, 23% discordaram totalmente, 21% discordaram parcialmente, 13% concordaram parcialmente e 10% concordaram totalmente. Sendo assim, tal evidência corrobora o achado anterior de que as empresas pouco utilizam ferramentas de análise de decisões de longo prazo como VPL, *payback* e TIR.

Também foi questionado se a empresa conhece a margem de contribuição de cada um dos produtos, onde, 23% ficaram neutros, 21% discordam totalmente, 23% discordam totalmente, 15% concordam parcialmente e outros 18% concordam totalmente com a afirmativa. Ressalta-se, ainda, que a maioria dos entrevistados afirmou possuir um conhecimento regular em gestão financeira (Gráfico 1), o que pode ter afetado as respostas a essa questão pelo fato dos gestores não compreenderem o conceito de margem de contribuição. Além disso, este resultado é discrepante comparado ao resultado da pesquisa realizada por Menegon (2020) em que 60% concordaram em certa medida com a afirmativa, enquanto apenas 13% discordaram.

Por fim, neste bloco de perguntas, os gestores ficaram diante da afirmação que relatava sobre a empresa levar em consideração as informações contábeis e financeiras para tomar

decisões, o que se viu é que uma a cada quatro empresas (25%) discordaram total ou parcialmente desta alternativa. Quase metade (49%) concordaram parcial ou totalmente e 26% se colocaram neutros diante dessa questão. Esse resultado demonstra que um quarto dos gestores não utiliza as informações contábeis para a tomada de decisão. Situação esse preocupante, dado que a literatura (LEMES, 2019; BIAGIO E BATOCCHIO, 2018; BARBOSA, 2010; SANTOS, DOROW E BEUREN, 2016) atesta a relevância em se utilizar os dados contábeis e os demonstrativos financeiros a fim de prolongar a saúde do negócio e fundamentar os objetivos das organizações.

4.3 Desafios enfrentados

A última seção do questionário tratou de identificar os desafios enfrentados em meio a última grande crise financeira ocasionada principalmente pela inatividade econômica na pandemia de Covid-19. Esses questionamentos visam suprir a resolução do terceiro objetivo específico desta pesquisa, contribuindo de forma derradeira para as considerações finais.

No primeiro momento, os gestores foram indagados sobre qual a maior dificuldade que eles enfrentam na condução das empresas. Os entrevistados poderiam escolher uma ou mais opções entre as disponíveis e ainda citar alguma outra não informada. 24 das 39 organizações pesquisadas (62%) apontaram as crises de mercado como principal dificuldade, em segundo, com 22 (56%) menções, a alta carga tributária, separar o financeiro pessoal do financeiro da entidade foi indicado por 14 (36%) empresas, 13 (33%) apontaram a concorrência e 10 (26%) o controle das despesas. Apenas 1 (3%) gestor indicou não haver dificuldades.

No campo em que os entrevistados poderiam adicionar alguma outra dificuldade, tiveram respostas como: capacidade econômica dos clientes, alto grau de detalhamento e exigências das normas tributárias e fiscais, e ausência de incentivo por parte do poder público. Percebe-se como a crise provocada pela pandemia influenciou as escolhas dos gestores, tendo as crises de mercado sendo citadas por 62% dos gestores entrevistados como o principal obstáculo a se enfrentar em seus negócios. O mesmo achado pode ser verificado na pesquisa realizada por Ramos (2015) que efetuou a coleta dos dados durante a crise ocorrida no Brasil em 2015, nela, 75% dos administradores citaram a crise econômica daquele ano como a principal dificuldade vivida.

Este bloco também contou com uma seção de questões a serem respondidas em escala Likert acerca de situações eventualmente enfrentadas durante a pandemia. Na Tabela 4 são apresentados os resultados colhidos.

Tabela 4 – Desafios enfrentados durante a pandemia

| Sobre aspectos financeiros de sua empresa na pandemia: | CT | CP | NCND | DP | DT |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|-----|------|-----|-----|
| 1- O lucro da empresa diminuiu consideravelmente durante a pandemia. | 28% | 25% | 8% | 21% | 18% |
| 2- O faturamento da empresa diminuiu consideravelmente durante a pandemia. | 36% | 10% | 13% | 18% | 23% |
| 3- A falta de conhecimento em gestão financeira e ferramentas financeiras prejudicou muito esta empresa na pandemia. | 13% | 13% | 12% | 26% | 36% |
| 4- Foi muito difícil pagar as contas em dia durante a pandemia. | 33% | 13% | 12% | 21% | 21% |
| 5- Foi muito difícil fazer a gestão financeira do negócio durante a pandemia. | 34% | 10% | 18% | 15% | 23% |
| 6- Devido à pandemia tive que melhorar ferramentas e procedimentos da gestão financeira da empresa. | 33% | 23% | 18% | 13% | 13% |
| 7- Considero que a empresa esteja bem preparada para superar uma crise semelhante à ocorrida por decorrência da pandemia. | 23% | 15% | 26% | 15% | 21% |

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Diante da afirmativa de que o lucro da empresa diminuiu consideravelmente durante a pandemia, 28% concordaram totalmente, 26% concordaram parcialmente, 21% discordaram parcialmente, 18% discordaram totalmente e 8% optaram pela neutralidade. Percebe-se que a maioria (54%) concorda com a afirmação, mas não tão distante 39% discordam sobre a diminuição dos lucros.

Com relação à afirmação sobre se houve diminuição considerável do faturamento da empresa, 36% concordaram totalmente, 10% concordaram parcialmente, 18% discordaram parcialmente, 23% discordaram totalmente e 13% ficaram neutros. Percebe-se que houve um certo equilíbrio entre os que concordam (46%) e os que discordam (41%) da afirmação. Impossibilitando, assim, inferir sobre o impacto da pandemia no faturamento das empresas.

A seguir, questionou-se sobre a falta de conhecimento em gestão financeira e ferramentas financeiras ter prejudicado muito a empresa durante a pandemia, onde, 13% concordaram totalmente, outros 13% concordaram parcialmente, 26% discordaram parcialmente, 36% discordaram totalmente, ficando ainda 13% neutros. Sendo assim, os gestores, em sua maioria, concordam que falta de conhecimento em gestão financeira e ferramentas financeiras não foi um fator que possa ter prejudicado a empresa durante a pandemia.

A afirmação “foi muito difícil pagar as contas em dia durante a pandemia” mostrou que 33% concordaram totalmente, 13% concordaram parcialmente, 21% discordaram parcialmente, outros 21% discordaram totalmente e 13% foram neutros. Percebe-se que houve um certo equilíbrio entre os que concordam (46%) e os que discordam (42%) da afirmação. Impossibilitando, assim, inferir sobre a dificuldade das empresas em pagar as contas em dia.

No que se refere a afirmativa “foi muito difícil fazer a gestão financeira do negócio durante a pandemia, 33% concordaram totalmente, 10% concordaram parcialmente, 15% discordaram parcialmente, 23% discordaram totalmente e 18% ficaram neutros. Verifica-se que houve um certo equilíbrio entre os que concordam (43%) e os que discordam (38%) da afirmação. Impossibilitando, assim, precisar sobre a dificuldade das empresas em fazer a gestão financeira.

Diante do questionamento se devido a pandemia tiveram que melhorar as ferramentas e procedimentos de gestão financeira, 33% concordaram totalmente, 23% concordaram parcialmente, 26% discordaram em alguma medida e 18% optaram pela neutralidade. Verifica-se que 1 a cada 3 empresas manifestaram concordância total nesse quesito, demonstrando que realizaram melhorias devido às instabilidades advindas da crise.

Sobre considerar que a empresa esteja bem preparada para superar uma crise semelhante à ocorrida por decorrência da pandemia, 23% concordaram totalmente, 15% concordaram parcialmente, 15% discordaram de maneira parcial, 21% discordaram totalmente e 26% apontaram neutralidade. Verifica-se, novamente, que houve um certo equilíbrio entre os que concordam (38%) e os que discordam (36%) da afirmação. Impossibilitando, assim, inferir sobre a preparação das empresas para superar uma crise semelhante à ocorrida por conta da COVID-19. Por conseguinte, os aspectos financeiros das empresas na pandemia não foram conclusivos, em virtude de que não houve predominância nas respostas.

Ainda assim, alguns resultados acerca dos aspectos financeiros das empresas na pandemia se associam aos dados demonstrados pela pesquisa de Salomé *et al.* (2021), onde 47% afirmaram que houve queda do faturamento mensal, estando assim entre os principais desafios enfrentados pelas organizações pesquisadas, acompanhado de itens como pagar as contas em dia e fazer a gestão financeira do negócio.

Finalizando o bloco e o questionário, foi indagado se devido à pandemia, a empresa passou a utilizar outros demonstrativos, indicadores e métodos que não eram utilizados antes da pandemia. 13 gestores (33%) responderam que sim e em seguida foram solicitados a eles

que assinalassem quais demonstrativos a organização passou a utilizar. 4 dos 13 (31%) adicionaram a sua gestão o demonstrativo de fluxo de caixa, outros 4 (31%) adotaram o ponto de equilíbrio. O balancete foi citado por 3 (23%) deles, 1 (8%) apontou a análise econômico-financeira, 1 (8%) mencionou a demonstração do resultado do exercício e 1 (8%) ainda fez referência a taxa interna de retorno. No espaço destinado a citações livres, um gestor ainda falou sobre empregar mais rigidez na política de gastos em geral da empresa.

Conforme demonstrado, um terço (33%) dos gestores mudou sua gestão financeira ao ponto de usar novas ferramentas durante a crise. Esse dado é relevante, pois indica que boa parte dos gestores se incomodou com a organização das finanças das suas empresas e adotaram novas medidas diante da recessão que estava instaurada, utilizando-se de novas estratégias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como principal objetivo verificar como o cenário pandêmico afetou o planejamento e a gestão das finanças de micro e pequenas empresas na cidade de Cabedelo/PB. Assimilando o avanço da pandemia de Covid-19 e o quanto organizações foram afetadas financeiramente. Esta pesquisa se voltou para explorar como as empresas estão estruturadas com relação gestão financeira e o uso de ferramentas de controle em seus negócios.

Percebe-se que em um cenário de crise e incertezas as micro e pequenas empresas, que, em geral, lidam com margem mais apertada e são lideradas pelo próprio empreendedor do negócio, enfrentam o descontrole de suas finanças e sofrem um maior impacto em suas contas. Especificamente, este trabalho buscou traçar um perfil das MPEs e seus gestores financeiros no município, identificar as ferramentas de gestão financeira utilizadas pelas MPEs pesquisadas e averiguar as dificuldades na gestão financeira enfrentadas pelas empresas durante o período da pandemia de Covid-19.

Conforme relatado nos resultados desta pesquisa, pode-se perceber que o perfil geral das empresas é de microempreendedores individuais que, sozinhos, comandam a gestão financeira de seus negócios. A maior parte possui ensino médio completo e considera possuir um conhecimento regular em finanças, não detendo, em sua maioria, formação adequada para funções da área financeira.

Quanto ao ponto abordado diretamente à gestão financeira, observa-se que os gestores utilizam, principalmente, cadernos (anotações manuais) e *softwares* para tomarem nota de suas movimentações financeiras, realizando-as mensalmente. Dentre as 24 (62%) empresas que admitiram usar demonstrações financeiras em sua gestão, o principal demonstrativo utilizado é o Fluxo de Caixa (15 das 24 empresas, 63%). Ficou também constatado que as outras 15 micro e pequenas empresas das 39 pesquisadas não utilizam nenhuma ferramenta financeira ou contábil para administrar suas finanças.

Em síntese, o último aspecto abordado sobre os desafios durante a pandemia, demonstrou como a crise gerada impactou negativamente as finanças das organizações pesquisadas. Em geral, o lucro e o faturamento sofreram quedas significativas e foram admitidas dificuldades em manter as contas em dia. Observa-se ainda que a pandemia ocasionou mudanças nas ferramentas e procedimentos de gestão financeira da maioria das micro e pequenas empresas estudadas. No entanto, quase metade dos gestores ainda discordaram em certa medida que suas organizações estejam bem preparadas para superar uma crise semelhante.

Isto posto, verifica-se que os objetivos da pesquisa foram atingidos, uma vez que, o perfil das empresas e dos empreendedores foi traçado, as ferramentas financeiras utilizadas foram elencadas e observou-se as dificuldades admitidas na gestão das finanças durante a crise causada pela pandemia. Foram demonstrados os principais aspectos da problemática e fundamentação na literatura apresentada, além de evidências empíricas da temática abordada. Não obstante, o estudo apresentou limitações e lacunas foram deixadas, ao ponto de serem

avaliadas em pesquisas futuras, tais como: a avaliação sobre os novos métodos adotados com relação à gestão financeira, o impacto real dessas mudanças sobre a lucratividade dos negócios e os desafios enfrentados na adoção dessas medidas, bem como ampliar o número de empresas entrevistadas. Justifica-se o número reduzido nesta pesquisa devido à dificuldade de se obter as respostas dos gestores no tempo limitado para a condução da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A.; MONTEIRO L. B.; SOUZA, G. L. A. de. Planejamento Financeiro e sua importância nas Micro e Pequenas Empresas em meio à Pandemia Da Covid-19. **JNT- Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 29, p. 22-45, 2021. Disponível em: <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/1150/758>. Acesso em: 07 jan. 2022.

ARAÚJO, V. S.; MACHADO, M. A. V. Gestão do capital de giro de pequenas empresas. **Revista Ciências Administrativas**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rca/article/view/259>. Acesso em: 04 abr. 2022.

BARBOSA, H. M. A análise de demonstrativos financeiros como ferramenta para tomada de decisão nas micro e pequenas empresas. **Scientia FAER**, Olímpia, v. 2, p. 32-52, 2010. Disponível: <http://www.uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170802100924.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2022.

BIAGIO, L. A.; BATOCCHIO, A. **Plano de negócios: estratégia para micro e pequenas empresas**. 3. ed. Barueri, SP: Manole, 2018. Disponível em: [https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555760897/epubcfi/6/8\[%3Bvnd.vst.idref%3DCopy\]!/4/14/4/1:27\[oel%2Cho%20](https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555760897/epubcfi/6/8[%3Bvnd.vst.idref%3DCopy]!/4/14/4/1:27[oel%2Cho%20). Acesso em: 16 abr. 2022.

BITTENCOURT, M.; PALMEIRA, E. M. Gestão financeira. **Revista Acadêmica de Economia**, v. 165, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Eduardo-Palmeira-2/publication/239950540_GESTAO_FINANCEIRA/links/54db40bf0cf2ba88a68f8fdc/GESTAO-FINANCEIRA.pdf. Acesso em: 13 nov. 2021.

BRASIL. **Lei Complementar n. 123**, de 14 de dezembro de 2006. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte; altera dispositivos das Leis nº 8.212 e 8.213, ambas de 24 de julho de 1991, da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, da Lei nº 10.189, de 14 de fevereiro de 2001, da Lei Complementar nº 63, de 11 de janeiro de 1990; e revoga as Leis nº 9.317, de 5 de dezembro de 1996, e 9.841, de 5 de outubro de 1999. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LCP/Lcp123.htm?msclkid=81dad1fed14a11eca8bf9a3a7657c576. Acesso em: 07 nov. 2021.

CAMLOFFSKI, R. **Análise de investimentos e viabilidade financeira das empresas**. São Paulo: Atlas, 2014. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522486571/pageid/4> Acesso em: 01 mai. 2022.

CÂNDIDO, J. M. **Inovação frugal para potencializar a inovação nas micro e pequenas**

empresas em tempos de crise: caso pandemia COVID-19. 2020. Artigo (Especialista MBA em Gestão de Negócios) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2020. Disponível em:

http://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/9911/Jessica%20Morais%20Candido_.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 12 abr. 2022.

CASADO, J. H. M. et al. **Administração do Capital de Giro.** Porto Alegre: SAGAH, 2020. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786556900445/pageid/1>. Acesso em: 01 mai. 2022.

CHAVES, R. T. C.; DE LAMES, E. R.; LAMES, L. C. J. Uma Análise da Percepção dos Gestores Donos de Pequenas Empresas da Cidade de Hortolândia – SP quanto à Aplicação do Princípio de Entidade. In: Congresso Brasileiro de Custos. **Anais.** Uberlândia, 2013.

Disponível em: <https://anaiscbc.abcustos.org.br/anais/article/view/73>. Acesso em: 2 mar.2022.

CHIAVENATO, I. **Gestão financeira: uma abordagem introdutória.** 3. ed. Barueri: Editora Manole, 2015. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520445518/>. Acesso em: 24 nov.2021.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **Resolução CFC n. 1.418/12**, de 05 de dezembro de 2012. Aprova a ITG 1000 – Modelo Contábil para Microempresa e Empresa de Pequeno Porte. Disponível em: https://www1.cfc.org.br/sisweb/SRE/docs/RES_1418.pdf. Acesso em: 16 mar. 2022.

COSTA, V. P. **A importância do Planejamento Financeiro para o sucesso das micro e pequenas empresas.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Economia) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Imperatriz, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/7988/1/VITORIO%20PEREIRA%20DA%20COSTA%20-%20TCC.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.

CREPALDI, S. A. **Curso básico de contabilidade: resumo da teoria, atendendo às novas demandas da gestão empresarial, exercícios e questões com respostas.** 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2013. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522481057/pageid/4>. Acesso em: 24 nov. 2021.

DATASEBRAE, c2022. Disponível em:

<https://datasebraeindicadores.sebrae.com.br/resources/sites/data-sebrae/data-sebrae.html#/Empresas>. Acesso em: 17 abr. 2022.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso.** 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015. Disponível em:

[https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/978-85-216-2866-8/epubcfi/6/10\[%3Bvnd.vst.idref%3Dcopyright\]!/4](https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/978-85-216-2866-8/epubcfi/6/10[%3Bvnd.vst.idref%3Dcopyright]!/4). Acesso em: 05 nov. 2021.

DORNELAS, J. **Empreendedorismo, transformando ideias em negócios.** 8. ed. São Paulo: Empreende, 2021. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786587052083/pageid/4>. Acesso em: 05 nov. 2021.

FARIA, J. A. E.; OLIVEIRA, M. S.; AZEVEDO, T. C. A utilização da contabilidade como ferramenta de apoio à gestão nas micro e pequenas empresas do ramo de comércio de material de construção de Feira de Santana/BA. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 6, n. 2, p. 89–106, 2012. Disponível em: <http://www.cc.faccamp.br/ojs-2.4.8-2/index.php/RMPE/article/view/404>. Acesso em: 05 nov. 2021.

FERREIRA, A.; SILVA, P.; RODRIGUES, R. Como as empresas estão se ajustando aos impactos causados pela COVID-19? Um estudo em MPE's situadas em shoppings centers da Feira de Santana. In: Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade, 10, São Paulo. **Anais**. São Paulo: USP, 2020. Disponível em: <https://congressousp.fipecafi.org/anais/20UspInternational/ArtigosDownload/2805.pdf>. Acesso em: 29 out. 2021.

FGV, Fundação Getúlio Vargas. O impacto da pandemia de coronavírus nos pequenos negócios – 10ª edição. Disponível em: https://fgvprojetos.fgv.br/sites/fgvprojetos.fgv.br/files/impacto-coronavirus-nas-mpe-10aedicao_diretoria-v4.pdf. Acesso em: 02 fev. 2022

FRANCO, N. A.; SILVA, V. G. Covid-19: Impactos no planejamento e controle financeiro dos micros e pequenos negócios de minimercados. Artigo (Pós-graduação Lato Sensu e Strictu Sensu) – Universidade Metodistas de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.metodista.br/congressos-cientificos/index.php/Congresso2020/Pos-LatoeStricto/paper/view/11278>. Acesso em: 15 dez. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597020991/cfi/6/10!/4/18@0:0>. Acesso em: 05 nov. 2021.

GOV.BR. Governo destaca papel da Micro e Pequena Empresa para a economia do país. Disponível em: <<https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2020/outubro/governo-destaca-papel-da-micro-e-pequena-empresa-para-a-economia-do-pais>>. Acesso em: 2 maio. 2022.

GRECO, A.; AREND, L. **Contabilidade: teorias e práticas básicas**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2016. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788547210274/>. Acesso em: 24 nov.2021.

GUIMARÃES JÚNIOR, D. S. et al. Efeitos da Pandemia do COVID-19 na Transformação Digital de Pequenos Negócios. **Revista de Engenharia e Pesquisa Aplicada**, v. 5, n. 4, p. 1–10, 2020. Disponível em: <http://revistas.poli.br/index.php/rep/article/view/1455/669>. Acesso em: 10 nov. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), c2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cabedelo/pesquisa/38/47001?tipo=ranking>. Acesso em 01 mai. 2022.

KOTESKI, M. A. As micro e pequenas empresas no contexto econômico brasileira. **Revista FAE Business**, Curitiba, n.8, p, 16-18, 2004. Disponível em: <<http://img.fae.edu/galeria/getImage/1/16570546884843246.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2021

LEIAJA. País perde quase 10 milhões de empreendedores, diz estudo. Disponível em: <https://www.leiaja.com/carreiras/2021/06/09/pais-perde-quase-10-milhoes-de-empresarios-diz-estudo/>. Acesso em: 15 dez. 2021.

LEMES JÚNIOR, A. B.; PISA, B. J. **Administrando micro e pequenas empresas: empreendedorismo & gestão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2019. Disponível em: [https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788595150393/epubcfi/6/6\[%3Bvnd.vst.idref%3Dcontent\]!/4/4\[toc\]/4/2/2](https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788595150393/epubcfi/6/6[%3Bvnd.vst.idref%3Dcontent]!/4/4[toc]/4/2/2). Acesso em: 12 nov. 2021.

LUDVIG, V. T. **Controles internos do contas a pagar e a receber em uma empresa do Noroeste do Estado do RS**. 2017. Monografia (Pós-graduação Lato Sensu em Auditoria e Contabilidade Digital) – UNIJUÍ, Ijuí. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/4676/Vanessa%20Thais%20Ludvig.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 01 mai. 2022.

MENEGON, R. **Gestão financeira em micro e pequenas empresas: um estudo no setor do comércio de Chapecó-SC**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis e Administração) – Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/index.php/pos-graduacao/trabalhos-de-conclusao-de-bolsistas/trabalhos-de-conclusao-de-bolsistas-a-partir-de-2018/ciencias-sociais-aplicadas/mestrado-csa/1242-gestao-financiera-em-micro-e-pequenas-empresas-um-estudo-no-setor-do-comercio-de-chapeco-sc/file>. Acesso em: 25 jan. 2022.

MINGONE, R. S. **Capitalização de pequenas e média empresas**. São Paulo: Trevisan Editora, 2016. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788599519912/pageid/0>. Acesso em: 02 mai. 2022.

OLIVEIRA, P. M. et al. Os desafios para gestão de estoques em micro e pequenas empresas: um estudo de caso. **AEDB**, Resende, 2016. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos16/20324192.pdf> Acesso em: 9 dez. 2021.

OLSEN, W. **Coleta de dados: debates e métodos fundamentais em pesquisa social**. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2015. Disponível em: [https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788584290543/epubcfi/6/8\[%3Bvnd.vst.idref%3Dcopyright.xhtml\]!/4\[Coleta-de-dados\]/56/1:0\[%2CCDU](https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788584290543/epubcfi/6/8[%3Bvnd.vst.idref%3Dcopyright.xhtml]!/4[Coleta-de-dados]/56/1:0[%2CCDU). Acesso em: 11 fev. 2022.

PEREIRA, H. R. P. **Planejamento financeiro nas micro e pequenas empresas da Paraíba**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/16109/1/MHRP23102019.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

PINHEIRO, J. F. D.; FERREIRA NETO, M. N. Fatores que contribuem para mortalidade das micro e pequenas empresas no Brasil. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 5, n. 7, p. 11107-11122, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv5n7-239>. Acesso em: 25 dez. 2022.

RAMOS, D. S. **Fatores de sucesso e principais dificuldade enfrentadas pelas micro e pequenas empresas na operacionalização de suas atividades na cidade de São Francisco-PB.** 2015. Monografia (Bacharelado em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de Campina Grande, Sousa, 2015. Disponível em:
<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/15848/DENILSON%20DA%20SILVA%20RAMOS%20-%20TCC%20C.%20CONT%C3%81BEIS%202015.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 12 mar. 2022.

SALOMÉ, F. F. S. et al. O impacto da pandemia do COVID-19 na gestão financeira das micro e pequenas empresas do setor varejista de Cláudio-MG. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, p. e36910615303, 2021. Disponível em:
<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/15303>. Acesso em: 10 out. 2021.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa.** 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. Disponível em:
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788565848367/cfi/0!/4/4@0.00:0.00>. Acesso em: 04 nov. 2021.

SANTOS, L. M.; FERREIRA, M. A. M.; FARIA, E. R. Gestão financeira de curto prazo. **Revista de Administração da Unimep.** São Paulo, v. 7, n. 3, p. 70-92, 2009. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/2737/273720558006.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.

SANTOS, V.; DOROW, D. R.; BEUREN, I. M. Práticas Gerenciais de Micro e Pequenas Empresas. **Revista Ambiente Contábil - Universidade Federal do Rio Grande do Norte - ISSN 2176-9036**, v. 8, n. 1, p. 153–186, 2016. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/ambiente/article/view/7271>. Acesso em: 14 out. 2021.

SANTOS, W. C. Fluxo de caixa como ferramenta para planejamento financeiro. **Revista Multiface**, v. 2, n. 1, p. 29-31, 2014. Disponível em:
<https://revistas.face.ufmg.br/index.php/multiface/article/view/3084> Acesso em: 10 mai. 2022.

SEBRAE-SP, Serviço de Apoio Às Micro e Pequenas Empresas. **Causa Mortis: o sucesso eo fracasso das empresas nos primeiros cinco anos de vida.** São Paulo: Sebrae, 2014. Disponível em:
[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/333000e30d218194165cd787496e57f9/\\$File/5712.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/333000e30d218194165cd787496e57f9/$File/5712.pdf). Acesso em: 14 out. 2021

SILVA, A. A. A.; **Percepções de empreendedores quanto à gestão financeira em micro e pequenas empresas de Uberlândia.** 2022. Artigo (Bacharelado em ciências contábeis) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/34453/1/Percep%C3%A7%C3%B5esEmpreendedoresGest%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2022

SILVA, A. B. et al. Desafios enfrentados pelas micro e pequenas empresas no Brasil. **Revista Conexão Eletrônica**, Três Lagoas, v. 12, n. 1, p. 460-474, jun. 2015. Disponível em: [013-Adm-Desafios-Enfrentados-pelas-Micro-e-Pequenas-Empresas-no-Brasil.pdf](#). Acesso em: 17 out. 2021

SIQUEIRA, A. P. de. ESTENDER, A. C. Desafios enfrentados pelas micro e pequenas empresas na crise financeira. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.12, n.2, p.01-20, TRI II 2018. ISSN 1980-7031. Disponível em: <https://rica.unibes.com.br/rica/article/view/809/0>. Acesso em: 22 nov. 2021.

SIQUEIRA, L. dos S.; BARBOSA, C. K. A importância da gestão financeira nas micro e pequenas empresas. **Revista Unilus Ensino e Pesquisa**, São Paulo, v. 13, n. 33, p. 106-121, 2016. Disponível em: <http://revista.unilus.edu.br/index.php/ruep/article/view/802>. Acesso em: 11 out. 2021.

SOBRAL, J. de A.; CARDOSO, R. C.; SANCHES, G. A. F. A gestão do capital de giro das micro e pequenas empresas. **Revista Fateb Científica**, Birigui, v. 1, n. 1, p. 95-126, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifacef.com.br/index.php/facefpesquisa/article/viewFile/265/257#:~:text=A%20gest%C3%A3o%20do%20capital%20de%20giro%20em%20micro%20e%20pequenas,%C3%A1rea%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20pouco%20explorada>. Acesso em: 9 mai. 2022.

Teixeira, W. T. D. P. O planejamento financeiro como ferramenta de gestão nas micro e pequenas empresas. In: XIII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologias. **Anais**. Niterói, 2016. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos16/28924311.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2021

TIOSSI, F. M. et al. Gestão financeira em tempos de crise. **Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)**, v. 5, n. 1, 2021. Disponível em: <https://desafioonline.ufms.br/index.php/EIGEDIN/search>. Acesso em: 15 nov. 2021

VITOR, M. R. M. **Análise da situação econômico-financeira das empresas do segmento de guloseimas no período de 2013-2017**. 2018. Monografia (Graduação em Ciências Contábeis) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/> Acesso em: 03 mai. 2022

ZAMBERLAN, L. et al. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**. 2. ed. Ijuí/RS: Unijuí, 2019. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788541902748/cfi/3!/4/4@0.00:11.8>. Acesso em: 05 nov. 2021.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

BLOCO 1 – PERFIL DA EMPRESA E DO GESTOR

Qual a cidade em que se localiza a empresa?

- João Pessoa Alhandra Bayeux Caaporã() Cabedelo
 Conde Cruz do Espírito Santo
 Lucena Pedras de Fogo Pitimbu Rio Tinto() Santa Rita

Qual o porte da empresa?

- MEI – Microempreendedor Individual (faturamento bruto anual até R\$ 81 mil)() ME – Microempresa (faturamento bruto anual de até R\$ 360 mil)
 EPP – Empresa de pequeno porte (faturamento bruto anual entre R\$ 360 mil e R\$ 4,8 milhões)

Em qual setor a empresa atua? (Pode marcar mais de 1)() Comércio () Serviços() Indústria

Quantos anos a empresa atua no mercado?() Até 2 anos

- Entre 2 anos até 5 anos
 Mais que 5 anos até 10 anos () Mais que 10 anos até 15 anos() Mais que 15 anos

Quem é o responsável pela gestão financeira?() Proprietário/sócio da empresa

- Pessoa contratada pela empresa
 Outro: _____

Qual a idade da pessoa responsável pela gestão financeira da empresa?

- 18 a 25 anos 26 a 35 anos 36 a 45 anos 46 a 55 anos () 56 a 65 anos
 Maior que 65 anos prefiro não informar

Qual a maior escolaridade da pessoa responsável pela gestão financeira da empresa? Se superior, qual área de formação?

- Fundamental Médio Completo () Superior Completo Pós-Graduação

Caso tenha marcado ensino superior ou pós-graduação, qual o curso?

Qual o gênero do gestor financeiro da empresa?

- Masculino () Feminino () Prefiro não informar

Qual sua experiência profissional na área financeira de uma empresa?() Nenhuma experiência

- Experiência de até 1 ano () Experiência de 1 a 3 anos() Experiência de 3 a 5 anos() Experiência maior que 5 anos

Como você avalia seu nível conhecimento em gestão financeira de negócios?() Bom conhecimento

- Pouco conhecimento Nenhum conhecimento
 Regular conhecimento

BLOCO 2 - GESTÃO FINANCEIRA

Marque a ferramenta administrativa mais utilizada na execução a gestão financeira da

empresa?

- cadernos
- livros caixa
- programas, aplicativos ou softwares específicos() planilhas do Excel ou ferramenta semelhante
- memória e/ou intuição

Qual a periodicidade aplicada pela gestão para a análise financeira?

- Mensal bimestral semestral trimestral anual não há periodicidade definida

Assinale quais demonstrativos, indicadores e métodos abaixo a empresa utiliza em suas análises financeiras (marque quantas alternativas forem necessárias):

- não utiliza
- Balancete
- Balanço Patrimonial - BP
- Demonstração do Resultado do Exercício – DRE() Demonstração do Fluxo de Caixa – DFC
- Índices de Atividade (prazo médio de estocagem, prazo médio de cobrança, prazo médio de pagamento a fornecedores).
- Índices de Rentabilidade e Lucratividade (giro do ativo, margem operacional, margem líquida, rentabilidade do ativo, rentabilidade do patrimônio líquido).
- Índices de Liquidez (liquidez geral, liquidez corrente, liquidez seca, liquidez imediata).
- Indicadores de endividamento (participação de capitais de terceiros, composição do endividamento, imobilização do patrimônio líquido).
- Ponto de Equilíbrio.
- Pay-Back (Tempo de Retorno do Investimento).
- Valor Presente Líquido (VPL).
- Taxa Interna de Retorno (TIR).
- Índice de Lucratividade (IL).

A contabilidade da empresa é realizada por quem?

- não há contador próprio contador particular escritório contábil

Como você avalia a gestão financeira de seu negócio?

- Muito boa Boa Razoável Ruim Péssima

OBSERVAÇÃO: As opções de respostas das questões seguintes serão entre uma escala de 1 a 5, em que a nota 1 indica discordância total (DT), 2 indica discordância parcial (DP), 3 não concorda e nem discorda, 4 indica concordância parcial (CP) e 5 indica concordância total (CT) da afirmativa. Você deverá marcar apenas uma nota entre 1 e 5. Informe seu grau de concordância ou discordância em relação às seguintes informações sobre aspectos financeiros de sua empresa:

| Sobre organização e controle: | 1 DT | 2 DP | 3 | 4 CP | 5 CT |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|------|---|------|------|
| Nós controlamos o patrimônio imobilizado da empresa: sabemos seu valor e definimos quem responde por ele | | | | | |

| | | | | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|--|--|--|--|
| Nós controlamos o estoque da empresa: definimos quem responde por ele, sabemos seu valor e o giro médio de cada grupo de produto | | | | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|--|--|--|--|

| Sobre análise de capital de giro: | 1 DT | 2 DP | 3 | 4 CP | 5 CT |
|----------------------------------------------------------------------------|------|------|---|------|------|
| Nós sabemos exatamente o valor e os vencimentos de nossas contas a pagar. | | | | | |
| Nós sabemos exatamente o valor e os vencimentos de nossas contas a receber | | | | | |
| Nós sabemos o ciclo operacional e financeiro da empresa | | | | | |

| Sobre análise de crédito: | 1 DT | 2 DP | 3 | 4 CP | 5 CT |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|------|---|------|------|
| Nós conhecemos o poder de pagamento de nossa empresa. | | | | | |
| Nós temos ótimo relacionamento com o(s) gerente(s) do(s) banco(s) que somos clientes. | | | | | |
| Nossa política de concessão de crédito é feita de maneira subjetiva, baseada no feeling e na confiança que temos em nossos clientes. | | | | | |

| Sobre análise de custos e formação de preços: | 1 DT | 2 DP | 3 | 4 CP | 5 CT |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|------|---|------|------|
| Nós sabemos exatamente quanto custa cada um de nossos produtos. | | | | | |
| Nós determinamos o preço de nossos produtos estabelecendo um percentual acima do valor de custo | | | | | |
| Nós determinamos o preço de nossos produtos baseado nos preços da concorrência. | | | | | |
| Nós levamos em consideração nossos custos diretos e indiretos para estabelecermos o preço de nossos produtos. | | | | | |
| Nós determinamos o preço de nossos produtos estabelecendo uma margem fixa sobre as vendas (taxa mark-up). | | | | | |

| Sobre planejamento, organização e controle: | 1 DT | 2 DP | 3 | 4 CP | 5 CT |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|------|---|------|------|
| Nossa empresa elabora um planejamento financeiro minucioso (previsão de demanda, fornecedores, logística e crédito). | | | | | |
| Nossa empresa define um orçamento para todas as etapas e itens do planejamento. | | | | | |
| Nossa empresa monitora o planejamento financeiro, ajustando-o e atualizando-o de acordo com as novas informações obtidas. | | | | | |
| Nossa empresa compara as previsões do planejamento financeiro com os resultados reais obtidos. | | | | | |

| Sobre avaliação de investimentos e financiamentos: | 1 DT | 2 DP | 3 | 4 CP | 5 CT |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|------|------|---|------|------|
| Fazemos um estudo aprofundado sobre a atratividade dos projetos em que a empresa investe. | | | | | |
| Fazemos um estudo aprofundado das fontes de financiamento existentes para os projetos escolhidos. | | | | | |
| Nós sabemos exatamente qual a margem de contribuição de cada um de nossos produtos. | | | | | |

| Sobre relevâncias das informações contábeis e financeiras: | 1 DT | 2 DP | 3 | 4 CP | 5 CT |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|------|------|---|------|------|
| Nossa empresa leva em conta as informações contábeis e financeiras para tomar decisões. | | | | | |

BLOCO 3 – DESAFIOS ENFRENTADOS

Na sua percepção, qual a maior dificuldade que o gestor enfrenta na condução de uma empresa? (Permitida mais de uma alternativa).

- () Alta carga tributária
 () Controle das despesas
 () Separar financeiro pessoal do financeiro da entidade () Concorrência
 () Crises de mercado () Sem dificuldades
 () Outro: _____

OBSERVAÇÃO: As opções de respostas das questões seguintes serão entre uma escala de 1 a 5, em que a nota 1 indica discordância total (DT), 2 indica discordância parcial (DP), 3 não concorda e nem discorda, 4 indica concordância parcial (CP) e 5 indica concordância total (CT) da afirmativa. Você deverá marcar apenas uma nota entre 1 e 5.

Informe seu grau de concordância ou discordância em relação às seguintes informações sobre aspectos financeiros de sua empresa na pandemia:

| Sobre aspectos financeiros de sua empresa na pandemia: | 1 DT | 2 DP | 3 | 4 CP | 5 CT |
|-------------------------------------------------------------------|------|------|---|------|------|
| O lucro da empresa diminuiu consideravelmente durante a pandemia. | | | | | |

| | | | | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|--|--|--|--|
| O faturamento da empresa diminuiu consideravelmente durante a pandemia. | | | | | |
| Tive que demitir funcionário(s) para continuar funcionando durante a pandemia. | | | | | |
| A demanda dos meus produtos/serviços diminuiu consideravelmente durante a pandemia. | | | | | |
| Devido à pandemia, tive que realizar alternativas de financiamento para manter a empresa funcionando, como empréstimos, créditos, entre outros. | | | | | |
| A falta de conhecimento em gestão financeira e ferramentas financeiras prejudicou muito esta empresa na pandemia. | | | | | |
| A crise financeira instaurada pelo COVID-19 afetou diretamente o seu negócio | | | | | |
| Foi muito difícil pagar as contas em dia durante a pandemia | | | | | |
| Foi muito difícil fazer a gestão financeira do negócio durante a pandemia | | | | | |
| Devido à pandemia tive que melhorar ferramentas e procedimentos da gestão financeira da empresa | | | | | |

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) respondente,

Essa é uma pesquisa acadêmica para fins de conclusão de curso, com o objetivo de descrever a gestão financeira das micro e pequenas empresas da região metropolitana de João Pessoa/PB.

O questionário demandará de 5 a 10 minutos do seu tempo e deverá ser respondido, preferencialmente, pela pessoa responsável pela administração financeira da empresa. As respostas devem ser escolhidas como aquelas que mais se aproximam da realidade da empresa, de acordo com a opinião do respondente.

Equiparando-se a isso, o(a) respondente não será identificado em nenhum momento, desse modo, solicitamos que as perguntas sejam respondidas com a máxima franqueza para uma melhor análise dos dados obtidos e melhor desenvolvimento do projeto. Ressaltamos que as respostas obtidas neste questionário serão utilizadas apenas para um estudo sobre o assunto e a divulgação será restrita ao meio científico.

Agradecemos a colaboração e colocamo-nos a disposição para maiores esclarecimentos.

APÊNDICE C – Tabela Geral de tempo de atuação das empresas por porte

| Tempo em atividade | MEI | ME | EPP | Frequência absoluta | Frequência relativa % |
|---------------------------|------------|-----------|------------|----------------------------|------------------------------|
| Até 2 anos | 9 | 0 | 0 | 9 | 23% |
| De 3 anos até 5 anos | 9 | 4 | 1 | 14 | 36% |
| De 6 anos até 10 anos | 4 | 2 | 1 | 7 | 18% |
| De 11 anos até 15 anos | 0 | 0 | 1 | 1 | 3% |
| Mais que 15 anos | 4 | 2 | 2 | 8 | 21% |
| Total | 26 | 8 | 5 | 39 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

APÊNDICE D – Tabela de ferramentas utilizadas para a gestão financeira por porte

| Recurso | MEI | ME | EPP | Frequência absoluta | Frequência relativa % |
|-----------------------------------------------|------------|-----------|------------|----------------------------|------------------------------|
| Cadernos | 11 | 0 | 1 | 12 | 31% |
| Programas, Aplicativos, Softwares específicos | 7 | 2 | 3 | 12 | 31% |
| Planilhas do Excel ou ferramenta semelhante | 4 | 4 | 1 | 9 | 23% |
| Livros Caixa | 3 | 2 | 0 | 5 | 13% |
| Memória e/ou intuição | 1 | 0 | 0 | 1 | 3% |
| Total | 26 | 8 | 5 | 39 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

APÊNDICE E – Utilização de demonstrativos financeiros por porte das empresas

| Demonstrativos | MEI | ME | EPP | TOTAL |
|------------------------------------------|------------|-----------|------------|--------------|
| Demonstração do Fluxo de Caixa | 9 | 4 | 2 | 15 |
| Não utilizam | 12 | 1 | 2 | 15 |
| Balancete | 7 | 1 | 2 | 10 |
| Análise da situação econômico-financeira | 3 | 3 | 2 | 8 |
| Ponto de equilíbrio | 1 | 4 | 2 | 7 |
| Demonstrativo de Resultado do Exercício | 2 | 2 | 2 | 6 |
| Balanço Patrimonial | 2 | 0 | 1 | 3 |
| <i>Payback</i> | 2 | 1 | 0 | 3 |
| Valor presente líquido | 1 | 2 | 0 | 3 |
| Taxa interna de retorno | 0 | 2 | 0 | 2 |